

“SIGNIFICAÇÃO” EM SAUSSURE - OS TRÊS CURSOS DE LINGUÍSTICA GERAL

Micaela Pafume COELHO
Universidade Federal de Uberlândia/PPGEL/FAPEMIG
micaelapafume@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho consiste em uma análise de três edições dos cadernos de alunos que participaram dos três cursos de Linguística Geral ministrados por Saussure entre 1907 e 1911, em busca da trajetória de caracterização do termo “significação”. Tal termo se mostra, desde as primeiras recepções do Curso de Linguística Geral (CLG), como uma questão difícil das elaborações saussurianas, visto ser apresentado no CLG ora com uma definição própria, ora como sinônimo dos termos “significado”, “ideia” e “conceito”. Além disso, embora no CLG os conceitos de “valor” e “significação” sejam dados como distintos, a relação entre eles não é estabelecida de forma clara, não sendo possível delimitar se o valor é um elemento da significação, ou o contrário. Dessa forma, ao analisarmos as três edições propostas em busca da trajetória de desenvolvimento da significação, percebemos que as questões que envolvem a caracterização do termo no CLG estavam presentes no próprio ensinamento do linguista, o qual hoje é irre recuperável, pelo fato de não nos oferecer nenhuma fonte de acesso direto.

Palavras-chave: Ferdinand de Saussure; Três cursos de Linguística Geral; Significação; Valor linguístico.

1 Introdução

Os ensinamentos expostos por Ferdinand de Saussure em seus cursos ministrados entre 1907 e 1911 na Universidade de Genebra foram publicados pela primeira vez no Curso de Linguística Geral¹, uma edição póstuma elaborada por dois discípulos do linguista, C. Bally e A. Sechehaye. A primeira publicação do CLG ocorreu em 1916 e, desde então, a edição passou a ser considerada como fundadora da Linguística enquanto ciência, uma vez que os princípios nela expostos definiam seu objeto de estudo próprio: a língua.

Entretanto, embora a importância do CLG seja inegável, há alguns aspectos da obra que merecem ser investigados mais de perto. Para elaborar a edição em questão, foi preciso que Bally e Sechehaye utilizassem os cadernos dos ouvintes que participaram dos cursos de Saussure, uma vez que, após a sua morte, os editores não conseguiram encontrar muitas anotações pessoais do linguista que correspondessem ao conteúdo tratado em seus cursos. Dessa forma, o modo de elaborar o CLG considerado mais pertinente pelos editores foi por meio da utilização dos cadernos dos alunos que estiveram presentes nos referidos cursos.

Além disso, nem todas as ideias expostas por Saussure ao longo de suas aulas apresentavam um raciocínio completo e acabado. É possível perceber, ao analisar as edições dos cadernos² de alguns alunos de cada um dos três cursos, que o pensamento de Saussure evoluía não somente a cada curso, mas a cada aula³. Isto é, ao analisarmos as anotações tomadas pelos ouvintes do curso, percebemos uma trajetória de evolução do pensamento de

¹ Doravante CLG.

² Cf. Saussure apud Riedlinger 1996; Saussure apud Riedlinger e Patois 1997; Saussure apud Constantin 1993.

³ É importante ressaltarmos que fazemos a mesma observação feita por Silveira (2009) a respeito dos manuscritos de Saussure, mas relacionado à evolução das ideias do linguista durante os cursos.

Saussure a respeito de sua contribuição original ao longo de cada uma das aulas que ministrou entre 1907 e 1911.

E essa evolução constante do pensamento saussuriano se reflete no conteúdo do CLG. Ao realizarmos uma leitura minuciosa da edição, é possível perceber que, embora haja alguns princípios que possuam uma conceituação sólida o suficiente para se distinguir de forma bem definida de outros princípios saussurianos, como é o caso da distinção entre os termos “língua” e “linguagem”, nem todas as ideias que compõem o CLG apresentam uma conceituação bem definida. A **significação**, por exemplo, consiste em um dos termos que, embora apresente caracterizações ao longo da edição, não possui uma conceituação clara a seu respeito.

Assim, ao analisar o CLG em busca das passagens que apresentam os aspectos relacionados ao termo “significação”, percebemos que, apesar de ele ser sempre distinguido do conceito de valor linguístico, existe uma relação de dependência entre esses dois princípios que não é apresentada de forma clara na edição (Cf. SAUSSURE, 2012, p. 163-166). Ademais, há uma flutuação na terminologia relacionada ao termo: a significação aparece tanto como sinônimo de “conceito”, “ideia”, “significado”, como também aparece como sinônimo de “sentido”, além de também ser utilizada muitas vezes para designar a relação vertical estabelecida entre os elementos no interior do signo linguístico.

Dessa forma, é importante ressaltar que a “significação” é tratada de forma mais específica no capítulo “O Valor Linguístico” do CLG, o qual, de acordo com Engler (1968), foi elaborado a partir da utilização dos cadernos dos alunos de todos os três cursos⁴. Considerando isso e tendo em vista as questões que envolvem a caracterização do termo “significação”, propomos uma análise de três livros que consistem em edições das anotações de alunos dos cursos de Saussure: o “Primeiro Curso de Linguística Geral – dos cadernos de Albert Riedlinger” (PCLG), o “Segundo Curso de Linguística Geral – dos cadernos de Albert Riedlinger e Charles Patois” (SCLG), e o “Terceiro Curso de Linguística Geral – dos cadernos de Émile Constantin” (TCLG). Com essa análise, visamos buscar uma trajetória da caracterização do termo “significação” entre os anos de 1907 e 1911, a fim de avaliarmos se é possível encontrar uma trajetória de desenvolvimento de suas caracterizações.

Entretanto, propomos primeiramente expor a “significação” do modo como ela é exposta e entendida por alguns autores a partir do livro fundador da linguística. Assim, no tópico a seguir apresentaremos alguns autores que abordam a questão da significação em Saussure, bem como traremos alguns fragmentos do CLG em que a “significação” é empregada como um termo relevante para as elaborações saussurianas.

2 A Significação: teoria e crítica

Se considerarmos a recepção do Curso de Linguística Geral, a conceituação do termo “significação” se coloca como uma questão difícil da teorização saussuriana desde a primeira publicação do livro de Godel *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure*, em 1957. O autor dedica uma parte do livro, intitulada “*Lexique de la terminologie*”, à exposição e especificação do conjunto terminológico saussuriano encontrado em suas análises das fontes manuscritas do CLG.

Nessa parte do livro, a “significação” não é apresentada como um componente da terminologia saussuriana; ao contrário, ela aparece qualificando e exemplificando os termos “signo” e “valor”, nos trechos retirados dos cadernos dos alunos e dos manuscritos do próprio Saussure.

⁴ De acordo com a edição crítica do CLG de Engler, o capítulo possui partes referentes aos três cursos, embora seja majoritariamente proveniente das anotações dos ouvintes do terceiro curso.

2b. Signo = combinação de dois elementos: uma ideia e um objeto simbólico desprovido de toda ligação interna com essa ideia (N 10 p. 19). Essa relação do signo com o pensamento é precisamente aquilo que é o signo [...] O signo é duplo: $\frac{\text{Significação}}{\text{Sílabas}}$. (II R 22)⁵ (SAUSSURE apud GODEL, [1957] 1969, p. 275)

3. “Valor” distinguido de “significação, sentido”. O valor não é a significação. O valor é dado, [...] além da significação (R), pela relação com as outras ideias (G), pela situação recíproca das peças da língua.⁶ (SAUSSURE apud GODEL, [1957] 1969, p. 281)

De acordo com as análises de Godel ([1957] 1969), portanto, é notável que a “significação” aparece como um termo secundário dentre os componentes da terminologia saussuriana, ou seja, ela está sempre relacionada a outro conceito das elaborações do linguista. No primeiro trecho, vemos que o termo se destaca como um componente do signo, sendo apresentado como a contraparte das sílabas. Por outro lado, no trecho seguinte, a significação aparece como um elemento distinto do valor, embora este, para que seja estabelecido, dependa tanto da significação como da relação “recíproca das peças da língua”.

Além disso, percebemos que Godel ([1957] 1969) utiliza passagens de diferentes documentos para compor suas definições. Nos trechos mencionados acima, vemos que, no que tange ao signo, o autor se utilizou das notas pessoais de Saussure, indicadas pelo código (N10), e das anotações de Riedlinger acerca do segundo curso, indicadas por (II R). No trecho referente ao valor, por outro lado, Godel ([1957] 1969) utiliza as anotações de Gautier e de Riedlinger, ambas concernentes ao primeiro curso.

Ainda tendo em vista a significação tal como ela é apresentada no primeiro trecho retirado de Godel ([1957] 1969), ou seja, enquanto a contraparte das sílabas, é importante ressaltar o posicionamento de Burger (1961 apud DE MAURO, 1967) a respeito da conceituação desse termo em Saussure. O autor se posiciona de forma a considerar significação e significado/conceito/ideia como termos claramente distintos nos documentos saussurianos, apresentando como única ressalva o fato de, no segundo curso, a significação aparecer como componente do signo linguístico. Entretanto, Burger (1961 apud DE MAURO, 1967) argumenta que, visto que as sílabas consistem em elementos fonéticos, que pertencem ao domínio da fala, a significação, portanto, também estaria contida neste domínio.

Considerando a significação sob essa mesma ótica, destacamos também o trabalho de Louis de Saussure (2003), a respeito da relação entre “valor” e “significação”. Para ele, o valor diz respeito ao funcionamento da língua, enquanto que a significação atua no domínio da pragmática, ou seja, da fala. Além disso, vemos que Louis de Saussure (2003, p. 308) utiliza os termos “significação” e “sentido” como sinônimos, uma vez que afirma que “ela [a significação], na verdade, não concerne somente a sintaxe: o **sentido** é descoberto pelo uso da racionalidade”⁷ (grifo nosso).

⁵ Tradução nossa : « 2b. Signe = combinaison de deux éléments : une idée et un objet symbolique dépourvu de tout lien interne avec cette idée (N 10 p. 19). Ce rapport du signe à la pensée est précisément ce qu'est le signe [...] Le signe est $\frac{\text{signification}}{\text{syllabes}}$

double : $\frac{\text{signification}}{\text{syllabes}}$ (IIR 22). »

⁶ Tradução nossa : 3. « Valeur » distinguée de « signification, sens ». La valeur, se n'est pas la signification. La valeur est donnée, [...] en plus de la signification (R), par le rapport avec d'autres idées (G), par la situation réciproque des pièces de la langue.

⁷ Tradução nossa de : « Cela, en effet, ne concerne pas seulement la syntaxe: le sens est découvert par l'usage de la rationalité. »

Partindo para a análise do modo como a significação é exposta no CLG, percebemos que é no capítulo quarto da Segunda parte, “O Valor Linguístico”, que o termo é tratado de forma mais específica. Nesse capítulo, o termo aparece pela primeira vez como forma de questionar e, em seguida, negar que os conceitos de “valor” e “significação” podem ser reduzidos a uma mesma coisa:

Mas se assim é, em que difere o valor do que se chama significação? Essas duas palavras serão sinônimas? Não o acreditamos, se bem que a confusão seja fácil, visto ser provocada menos pela analogia dos termos do que pela delicadeza da distinção que eles assimilam (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 161).

De acordo com esse trecho do CLG, é possível perceber que “valor” e “significação” não são termos sinônimos, isto é, os dois não podem ser utilizados para designar o mesmo conceito. Entretanto, também é afirmado que a distinção que os separa é delicada, o que faz com que os dois termos sejam passíveis de serem confundidos.

Tendo isso em vista, consideramos necessário acrescentar aqui o trabalho de Sofia (2009), que apresenta algumas considerações a respeito da distinção tênue que envolve os conceitos de “valor” e “significação”. Ao analisar a edição dos cadernos de E. Constantin, Sofia (2009, p. 19) ressalta que as anotações do ouvinte trazem, em um trecho, que as relações de valor e de significação são difíceis de serem distinguidas, e que elas até mesmo se confundem. Entretanto, a tradução desse mesmo trecho para o inglês, que consta nessa mesma edição dos cadernos de Constantin, afirma que esses dois tipos de relação “*merge*”, ou seja, se fundem.

Nota-se que afirmar que duas relações se confundem consiste em algo muito diferente de afirmar elas se fundem. Para que se fundam, é necessário que se tornem uma mesma coisa, enquanto que para que se confundam é necessário apenas que apresentem traços característicos em comum. Contudo, de acordo com Sofia (2009), embora a tradução do trecho em questão vá contra a anotação original de Constantin, há alguns trechos da edição que permitem a interpretação do tradutor, isto é, de que as relações de valor e de significação são apenas uma.

A esse respeito, é importante lembrar que no CLG essas duas relações são apresentadas como distintas, sendo a do valor conceituada como uma relação horizontal, ou seja, estabelecida entre as unidades do sistema, e a significação conceituada como vertical, ou seja, estabelecida entre os constituintes do signo (Cf. SAUSSURE, [1916] 2012, p. 161). Entretanto, não há um consenso no que tange à ligação que há entre “valor” e “significação”.

Primeiramente, vemos que é apontada uma dependência entre os termos; contudo, o modo como o trecho do livro está escrito não nos permite compreender se é a significação que é dependente do valor, ou o contrário:

O valor, tomado em seu aspecto conceitual, constitui, sem dúvida, um elemento da significação, e é difícil saber como esta se distingue dele, apesar de estar sob sua dependência. (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 161)

Ora, a frase “apesar de estar sob sua dependência” apresenta sujeito oculto. Assim, embora a sentença anterior tenha como sujeito o pronome “esta” (é difícil saber **como esta se distingue dele**), que se refere à significação, o verbo infinitivo “estar” pode se referir também ao complemento dessa mesma frase, ou seja, “dele”, que se refere ao valor. Desse modo, há a possibilidade de interpretarmos tanto que é a significação que depende do valor, como também que é o valor que depende da significação.

Em um trecho mais à frente na edição, a nosso ver, a relação existente entre os dois termos é de certa forma esclarecida, visto que a significação passa a ser apresentada como dependente do valor:

[...] quer dizer que em português um conceito “julgar” está unido à imagem acústica *julgar*, em poucas palavras, simboliza a significação; mas, bem entendido, esse conceito nada tem de inicial, não é senão um valor determinado por suas relações com outros valores semelhantes, e sem eles a significação não existiria. (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 164, grifo original)

Vemos, neste trecho, que a significação é apresentada como intrinsecamente depende do valor, visto que sem as relações de valor ela não existiria. Tal fato permite a interpretação de que, uma vez a significação depende do valor, ele, portanto, seria uma grandeza maior na ligação existente entre esses dois tipos de relação. No entanto, considerando o primeiro trecho em que a relação de dependência entre “valor” e “significação” é apresentada, cremos que não seja possível afirmar categoricamente o posicionamento de Saussure no que a concerne.

Dessa forma, uma vez expostas as questões que envolvem a caracterização do termo “significação” no CLG e em alguns outros documentos saussurianos analisados pelos autores mencionados, partiremos para a análise desse mesmo termo nos cadernos de alunos que participaram dos três cursos ministrados por Saussure, e que foram editados sob os títulos apresentados no item anterior.

3 O Primeiro Curso de Linguística Geral

Para analisarmos a trajetória do termo “significação” em Saussure, utilizaremos primeiramente as anotações de Riedlinger a respeito do primeiro curso (1907), que foram editadas e publicadas na edição do PCLG, elaborada por Komatsu e Wolf em 1996. Nelas, não encontramos, a princípio, uma caracterização direta para significação. Isso talvez se deva ao fato de que, durante o primeiro curso, o conteúdo exposto por Saussure foi bastante pautado nos princípios de fonologia e nas mudanças linguísticas, sendo que os aspectos da língua em si foram tratados minimamente.

Tendo isso em vista, ressaltamos a utilização do termo “significação” em um trecho em que o linguista desvincula as modificações fonéticas da significação da palavra, relacionando esta à arbitrariedade do símbolo fonético:

Esse caráter das modificações fonéticas, de serem incalculáveis e ilimitadas, vem da qualidade arbitrária do símbolo fonético que não tem nenhum laço com a **significação** da palavra.⁸ (SAUSSURE apud RIEDLINGER, 1996, p. 42, grifo nosso)

Vemos que o termo “significação” é utilizado nesse trecho como forma de explicar que o “símbolo fonético” não apresenta nenhum laço necessário com a significação da palavra, ou seja, que a relação existente entre eles é arbitrária. Nesse sentido, vale lembrar que no CLG a arbitrariedade se encontra no interior do signo linguístico, na relação que une o significado com o significante. Dessa forma, consideramos importante ressaltar a semelhança existente entre a relação do símbolo fonético com a significação da palavra, e a relação do significante com significado, uma vez que ambas são pautadas no princípio da arbitrariedade:

⁸**Tradução nossa de:** « Ce caractère des modifications phonétiques d'être incalculables et illimitées vient de la qualité arbitraire du symbole phonétique qui n'a aucun lien avec la signification du mot. »

O laço que une o significante e o significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: **o signo linguístico é arbitrário.** (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 108, grifo original)

É válido notar que, enquanto no PCLG os elementos em relação são o símbolo fonético e a significação, no CLG, a relação exposta envolve o significado e o significante, que são, respectivamente, o conceito e a imagem acústica. Podemos, portanto, perceber que essas duas relações se assemelham à medida que o símbolo fonético e a imagem acústica dizem respeito à parte mais material, e à medida que a significação e conceito se referem à parte conceitual, o que, por conseguinte, evidencia uma aproximação teórica entre as noções de “conceito” e “significação”. Contudo, como já afirmamos, Burger (1961 apud DE MAURO, 1967) não considera essa similaridade válida, visto que, para ele, o símbolo fonético consiste em um elemento do domínio da fala, e não da língua.

Por outro lado, a respeito da aproximação da caracterização de “significação” com a de “conceito”, consideramos importante apresentar um outro fragmento do PCLG, em que, a nosso ver, esses dois termos são utilizados por Saussure de forma relacionada:

De onde vem essa mudança de análise? 1. A análise muda por esse simples princípio que se encontra sempre na história da **significação**: a língua sempre tende a substituir o conceito complexo e indireto por um conceito simples e direto (cuja causa se encontra fora da fonética!).⁹ (SAUSSURE apud RIEDLINGER, 1996, p. 87, grifo nosso)

A “mudança de análise” a que Saussure se refere no trecho acima está relacionada ao modo de considerar as mudanças da língua. Contudo, é possível notar que essa análise das transformações linguísticas, que estava sendo considerada sob o ponto de vista fonético, passa a ser focada no aspecto conceitual. Tendo isso em vista, percebemos que “significação” e “conceito” se relacionam nesse trecho, pois a história da significação consiste justamente na substituição de conceitos complexos por conceitos simples; ou seja, é a mutabilidade desses elementos conceituais que permitem a existência da história da significação.

Em um trecho mais à frente na edição, encontramos novamente o termo utilizado de forma atrelada tanto à fonética da língua, como também ao termo “conceito”:

2. <Deve-se notar> um fato de **significação** que é apenas outro que aquele mencionado por -ιστο-: se um conceito composto é dado em um signo determinado, a tendência mecânica da língua de o tornar mais simples, indecomponível, e a tendência de tomar o caminho mais direto, a simplificação da ideia: de dois ou três dados acaba-se percebendo nada mais que essa <que é> entendida.¹⁰ (SAUSSURE apud RIEDLINGER, 1996, p. 92, grifo nosso)

Esse trecho consiste no segundo item componente das três considerações primordiais apresentadas por Saussure, que são procedentes de uma parte do PCLG em que o linguista apresenta o processo de aglutinação como forma de melhor explicitar a ocorrência da

⁹ **Tradução nossa de:** « D'ou vient ce changement de l'analyse? 1. L'analyse a changé par ce simple principe qui se retrouve toujours dans l'histoire de la signification: la langue tend toujours a remplacer le concept complexe et indirect par un concept simple et direct (donc cause étrangère à la phonétique!) »

¹⁰ **Tradução nossa de:** « 2. <Il faut noter> un fait de signification qui n'est autre que celui mentionné pour -ιστο-: la tendance mécanique de la langue, si un concept composé lui est donné dans un signe déterminé, de le rendre simple, indécomposable, la tendance de prendre le chemin de traverse, la simplification de l'idée: de deux ou trois données on finit par ne plus apercevoir que celle <qui est> entendue. »

analogia. Nota-se que, no trecho, é mencionado e em seguida explicado um “fato de significação”, sendo que, para explicá-lo, Saussure utiliza o termo “conceito”, assim como o faz na citação mencionada anteriormente, a fim de explicitar o princípio da “história da significação”.

Dessa forma, percebemos que em todas as passagens que mencionamos, retiradas do PCLG, o termo “significação” está direta ou indiretamente relacionado ao termo ou à caracterização de “conceito”. Esse fato pode também ser verificado nas anotações referentes ao segundo curso, como veremos no tópico a seguir.

4 O Segundo Curso de Linguística Geral

Para continuarmos a buscar a trajetória do termo “significação”, apresentaremos o modo como ele é trazido nos cadernos de Riedlinger a respeito do segundo curso. As anotações do ouvinte foram editadas e publicadas por Komatsu e Wolf em 1997, no livro SCLG, juntamente com as de Charles Patois, um outro ouvinte do mesmo curso. Entretanto, escolhemos trabalhar apenas com as anotações de Riedlinger, pois a edição do primeiro curso (PCLG) apresenta apenas os cadernos deste ouvinte, e, portanto, desejamos manter o estilo da escrita em nossas citações.

Dessa forma, ao analisar o SCLG em busca de passagens em que o termo “significação” fosse utilizado de forma significativa ao nosso trabalho, percebemos que, em um primeiro momento, que o termo “significação” se mostra semelhante à caracterização do termo “conceito”, uma vez que é apresentada como um dos componentes do signo, estabelecendo uma relação vertical com as sílabas:

4) Essa relação do signo com o pensamento é precisamente o que é o signo: = <não a sequência de sílabas, mas> o fato de ser duplamente constituído por uma sequência de sílabas à medida que adicionamos a ela uma **significação** determinada, o signo é duplo $\frac{\text{Significação}}{\text{Sílabas}}$.¹¹ (SAUSSURE apud RIEDLINGER, 1997, p. 13, grifo nosso)

Como se pode ver, esse trecho consiste justamente no trecho que, segundo Burger (1961 apud DE MAURO, 1967), poderia deixar clara a similaridade conceitual entre os termos “significação” e “conceito”, não fosse o fato de as sílabas serem elementos fonéticos pertencentes à fala, o que faz com que a significação também pertença a esse domínio.

Em um outro fragmento do SCLG, nota-se que a significação se mostra como um elemento importante no tratamento da língua enquanto sistema de signos, podendo, a priori, ser novamente aproximada à noção de “conceito”:

O momento da gênese não é em si mesmo conhecível, nem mesmo visível. O contrato primitivo se confunde com o que <se> passa todos os dias na língua, <com as condições permanentes da língua:> se você aumenta um signo na língua, você diminui proporcionalmente a **significação** dos outros. <Reciprocamente: se, por impossível que seja, tivessem sido escolhidos em princípio apenas dois signos, todas as **significações** repartir-se-iam entre

¹¹ Tradução nossa de : « 4) Ce rapport du signe a la pensée est précisément ce qu'est le signe: = <non pas la suite des syllabes mais> être double constitue par une suite de syllabes dans la mesure où on y attache une signification déterminée; le signe est double: signification/syllabes. »

estes dois signos. Um designaria a metade de um objeto e o outro a outra metade.¹² (SAUSSURE apud RIEDLINGER, 1997, p. 12, grifo nosso)

Vemos que, de acordo com esse fragmento, a significação de um determinado signo é proporcionalmente dependente da quantidade de signos da língua. Dessa forma, Saussure afirma que, se a língua fosse constituída por apenas dois signos, eles seriam encarregados de designar todas as significações necessárias. Tendo isso em vista, consideramos pertinente destacar um trecho do CLG em que Saussure, de forma semelhante, trata da limitação recíproca de sentido entre palavras sinônimas:

No interior de uma mesma língua, todas as palavras que exprimem **ideias** vizinhas se limitam reciprocamente: sinônimos como recear, temer, ter medo só têm valor próprio pela oposição; se recear não existisse, todo seu conteúdo iria para os seus concorrentes. [...] Assim, o **valor** de qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia; nem sequer da palavra que significa “sol” se pode fixar imediatamente o valor sem levar em conta o que lhe existe em redor; (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 163, grifo nosso).

É importante observar que, no fragmento acima, Saussure explica que os termos sinônimos só podem adquirir valor próprio pela relação estabelecida entre si. Além disso, o linguista destaca que a ideia exprimida por cada um dos termos é limitada reciprocamente por cada um deles. Contrastando essas considerações apresentadas no CLG com o trecho do SCLG apresentado anteriormente, notamos que, enquanto no CLG é falado da limitação das **ideias** à quantidade de signos existentes, no SCLG é falado da distribuição das **significações** entre os símbolos existentes na língua.

Nesse sentido, percebemos que ambos os termos “significação” e “ideia” aproximam-se da noção de “conceito”, visto que ambos são utilizados por Saussure como componentes passíveis de se vincularem a significantes da língua¹³. No entanto, é notável que, no trecho retirado do CLG, o linguista não se refere apenas à noção de ideia para abordar a questão da delimitação conceitual das palavras da língua. Embora o termo “ideia” seja de fato utilizado no início do fragmento, é a noção de valor que parece ser o princípio central em todo o desenvolvimento do raciocínio do linguista.

Tendo isso em vista, destacamos que é durante o segundo curso que Saussure apresenta os dois termos (“valor” e “significação”) com uma distinção categórica, como podemos ver no trecho a seguir:

O valor não é a significação. O valor é dado por outros dados; <ele é dado – além da significação – pela relação entre um todo e uma dada ideia> pela

¹²**Tradução nossa de :** « Le moment de la genèse n'est lui-même pas saisissable, on ne le voit pas. Le contrat primitif se confond avec ce qui <se> passe tous les jours dans la langue, <avec les conditions permanentes de la langue:> si vous augmentez d'un signe la langue vous diminuez d'autant la signification des autres.<Réciproquement: si, par impossible, on n'avait choisi au début que deux signes toutes les significations se seraient réparties sources deux signes. L'un aurait désigné une moitié des objets et l'autre, l'autre moitié.> »

¹³ Nesse ponto, cremos ser necessário destacar que há uma flutuação terminológica também no que concerne aos termos “signo” e “significante”. Até meados de seu terceiro curso (191-1911), Saussure utilizava o termo “signo” ora para designar a totalidade significante/significado, ora para designar apenas a parte mais material, ou seja, o significante. Portanto, visto que, nos trechos em questão, fala-se de uma ideia ou de uma significação vinculada a um signo da língua, consideramos válido tomar, nesta ocasião, “signo” como sinônimo de “significante”.

situação recíproca das partes na língua e assim por diante.¹⁴ (SAUSSURE apud RIEDLINGER, 1997, p. 29, grifo nosso)

Assim, temos que valor e significação são coisas distintas. Mais do que isso, nota-se que o valor é dado não só pela significação; além dela, são necessárias as relações das “partes da língua” para que ele se estabeleça. Sendo assim, é possível entender que, nesse caso, a significação é apresentada como um dos elementos indispensáveis para que o valor seja dado, sendo este seu dependente.

No entanto, considerando o trecho a seguir, vemos que, de forma contrária, o valor também pode ser entendido como um elemento que contribui para a constituição da significação, ao menos no que tange ao conteúdo exposto durante o segundo curso:

Há desde já um fenômeno pelo fato de que essa diferença <entre palavras que se relacionam> é uma das coisas que contribuem para a significação. <**Toda significação é uma oposição fundada em uma diferença**, e uma diferença que se torna mais ou menos regular.>¹⁵ (SAUSSURE apud RIEDLINGER, 1997, p. 38, grifo nosso)

É notável que, nesse fragmento, a noção de valor é trazida de forma implícita, representada pelas expressões “palavras que se relacionam” e também pelo termo “diferença”. Tendo isso em vista, consideramos razoável afirmar que o valor “é uma das coisas que contribuem para a significação”, e também que “toda significação é uma oposição fundada” em um valor. A partir disso, é possível entender que a significação, paradoxalmente ao trecho anterior, é trazida como um elemento dependente do valor linguístico, uma vez que o valor é uma noção diferencial, na qual a significação se fundamenta para que possa ser estabelecida.

5 O Terceiro Curso de Linguística Geral

A distinção estabelecida no segundo curso entre as conceituações de “valor” e “significação” é mantida durante terceiro curso. Foi-nos possível saber disso a partir da análise das anotações de Constantin, que foram editadas e publicadas por Komatsu e Harris, em 1993, no livro TCLG. Contudo, é apenas no final da edição que encontramos um capítulo destinado a tratar especificamente a respeito da distinção entre valor e significação, o qual é intitulado “Valor dos termos e sentido das palavras. Em que os dois se confundem e se diferem”. No restante do livro, principalmente a partir da segunda parte¹⁶, o termo “significação” é apresentado de forma relacionada à caracterização do termo “conceito”.

Dessa forma, antes de passarmos para a análise do capítulo propriamente dita, é importante ressaltar que, em trabalhos anteriores, realizamos uma análise comparativa, guiada pela edição crítica de Engler (1968), entre o modo como a noção de valor é exposta no TCLG e no capítulo do CLG “O Valor Linguístico”. Ao focarmos na terminologia de cada uma das edições, percebemos que o termo “sentido”, que aparece bastante no TCLG, é quase sempre equivalido pelo termo “significação” no CLG e, portanto, tomá-los-emos como sinônimos.

¹⁴ **Tradução nossa de:** « La valeur ce n'est pas la signification. La valeur est donnée par d'autres données; <elle est donnée – en plus de la signification – par le rapport entre un tout et une certaine idée,> par la situation réciproque des pièces dans la langue: et ainsi de suite. »

¹⁵ **Tradução nossa de:** « Il y a un phénomène déjà par le fait que cette différence <entre mots qui ont des relations> est une des choses qui contribuent à la signification. <Toute signification est une opposition qui se fonde sur une différence, et une différence qui devient plus ou moins régulière.> »

¹⁶ O TCLG foi publicado seguindo as divisões do terceiro curso, estabelecidas por Saussure durante suas aulas. Dessa forma, há duas partes: a primeira destinada a tratar da diversidade das línguas, e a segunda destinada a tratar do objeto língua e de seus aspectos sincrônicos.

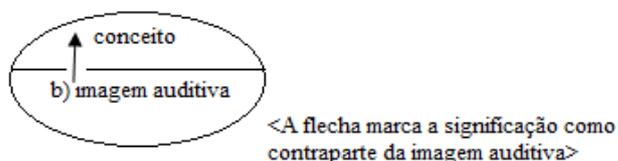
Assim, já no segundo parágrafo do capítulo do TCLG anteriormente mencionado, encontramos a seguinte afirmação:

Quando se fala em valor, sentimos que ele se torna <aqui> sinônimo de sentido (significação) e isso indica um outro terreno de confusão (<aqui a confusão> será mais duradoura nas coisas propriamente ditas). **O valor é bem um elemento do sentido, mas é importante não tomar o sentido de outra forma que como um valor.** Essa é, talvez, uma das operações mais delicadas de se fazer em linguística, que é ver como o sentido depende e, contudo, resta distinto do valor.¹⁷ (SAUSSURE apud CONSTANTIN, 1993, p. 134, grifo nosso)

Esse fragmento deixa claro que “valor” e “significação” são elementos distintos, apesar da dificuldade que existe em se distinguir os dois. Entretanto, é possível notar que Saussure apresenta o valor, de fato, como um elemento da significação, e que ainda acrescenta: “é importante não tomar o sentido de outra forma que como um valor”. Ora, se o sentido e valor são elementos distintos, e este consiste em um elemento do sentido, como pode o sentido ser tomado como um valor?

Questões à parte, ressaltamos outro trecho do TCLG em que o termo “significação” é utilizado. Dessa vez, é possível perceber com clareza a relação entre a caracterização desse termo com a de “conceito”:

Tomemos, de início, a significação como a representamos <e como a tínhamos marcado>

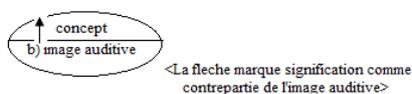


Nessa visão, a **significação** é tão somente a contraparte da imagem auditiva.¹⁸ (SAUSSURE apud CONSTANTIN, 1993, p. 135, grifo nosso)

Se, como está afirmado no fragmento acima, a significação consiste na contraparte da imagem auditiva, podemos afirmar que ela nada mais é do que o conceito que, a partir da relação estabelecida entre os termos do sistema, se liga a uma determinada imagem acústica. A partir dessa consideração, ressaltamos que a similaridade conceitual entre os termos “conceito” e “significação”, que nos dois primeiros cursos era apenas insinuada, acaba sendo esclarecida nas aulas do terceiro curso.

¹⁷ **Tradução nossa de** : « Quand on parle de valeur, on sent que cela devient <ici> synonyme de sens (signification) et cela indique un autre terrain de confusion (<ici la confusion> sera davantage dans les choses elles-mêmes). La valeur est bien un élément du sens, mais il importe de ne pas prendre le sens autrement que comme une valeur. C’est peut-être une des opérations les plus délicates à faire en linguistique, de voir comment le sens dépend et cependant reste distinct de la valeur. »

¹⁸ **Tradução nossa de**: Prenons d’abord la signification comme nous la représentons <et l’avons nous-mêmes marquée> :



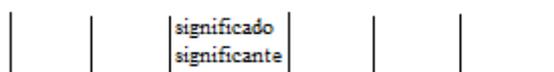
Dans cette vue, la signification est la contrepartie de l’image auditive et rien d’autre.

Nesse sentido, é importante ressaltar que, no CLG, a significação também é apresentada como a contraparte da imagem acústica, estando, portanto intimamente relacionada à noção de conceito:



Tomemos, inicialmente, a significação como se costuma representá-la e tal como nós a representamos [...]. Ela não é, como o indicam as flechas da figura, mais que a contraparte da imagem auditiva. Tudo se passa entre a imagem auditiva e o conceito, nos limites da palavra considerada um domínio fechado existente por si próprio (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 161)

No entanto, se considerarmos um outro trecho do TCLG, vemos que tomar a significação como a contraparte da imagem auditiva leva à confirmação de uma flutuação terminológica referente aos termos “conceito” e “significação”. Além disso, apesar de, no primeiro trecho apresentado, o termo “significação” ser exposto de forma distinta da noção de valor, o trecho a seguir evidencia a existência de uma flutuação terminológica também no que concerne a esses dois termos:



<A relação no interior de uma casa e entre as casa é bem difícil de ser distinguida.>

A significação como contraparte da imagem acústica e a significação como contraparte dos termos coexistentes se confundem.¹⁹ (SAUSSURE apud CONSTANTIN, 1993, p. 135, grifo nosso)

Nota-se que são apresentados dois tipos de significação: uma como sendo a contraparte da imagem acústica, a qual, como já vimos, diz respeito à **significação** propriamente dita, e outra como sendo a contraparte dos termos coexistentes, e que diz respeito ao **valor**, por se referir à relação horizontal estabelecida entre as unidades da língua.

Assim, considerando que anteriormente, durante esse mesmo curso, Saussure já havia distinguido os termos “valor” e “significação” de forma que eles designassem respectivamente as relações horizontais entre os termos e a relação vertical entre os componentes do signo, pensamos que o fato do valor linguístico ser apresentado neste trecho como “a significação como contraparte dos termos coexistentes” consista em uma flutuação terminológica, e não necessariamente conceitual. Desse modo, percebemos que, durante o terceiro curso, embora o termo “significação” apresente uma caracterização própria e distinta da noção de valor, ainda assim Saussure o utiliza como forma de designar as relações horizontais estabelecidas no sistema.

6 Considerações finais

Neste trabalho nos propusemos a efetuar uma análise do “termo” significação nas anotações de dois alunos que participaram dos cursos ministrados por Saussure na Universidade de Genebra: A. Riedlinger, a respeito do primeiro e do segundo curso, e E. Constantin, a respeito do terceiro. A partir dessa análise, nos foi possível buscar uma

¹⁹ **Tradução nossa de:** « <Le rapport à l’intérieur d’une case et entre les cases est bien difficile à distinguer. > La signification comme contrepartie de l’image et la signification comme contrepartie des termes coexistants se confondent. »

trajetória de conceituação do termo em questão, evidenciando que as flutuações terminológicas e conceituais que envolvem a “significação” no CLG são, na verdade, um retrato da evolução constante do pensamento de Saussure ao longo de seus cursos, tendo em vista que a edição foi elaborada a partir dos cadernos dos alunos do genebrino.

Dessa forma, ao analisar os cadernos de Riedlinger referentes ao primeiro curso, percebemos que a significação é apresentada, na maioria das vezes, de forma relacionada à caracterização do termo “conceito”. A respeito do segundo curso, os cadernos de Riedlinger nos mostraram que foi durante essas aulas que Saussure apresentou pela primeira vez o termo “significação” como elemento distinto do valor, além de apresentar este como uma noção diferencial e aquele como uma noção opositiva e dependente das relações de diferenças.

No terceiro curso, Saussure reafirma a distinção existente entre as noções de valor e significação, além de apresentar um tratamento mais minucioso a ela, tendo em vista a afirmação de que tal distinção “é uma das mais difíceis de serem feitas na Linguística”. Ademais, notamos também que a proximidade existente entre as caracterizações de “significação” e “conceito”, que já era evidenciada nos dois primeiros cursos, foi esclarecida durante o terceiro, a partir da afirmação de Saussure de que “a significação é tão somente a contraparte da imagem auditiva”, afirmação esta que também é encontrada no conteúdo do CLG.

Dessa forma, a efetuação da análise dos cadernos dos alunos dos três cursos de Saussure nos mostrou que, durante as aulas do linguista, houve de fato uma trajetória de desenvolvimento do termo “significação”. Ao evidenciar essa trajetória, mostramos que as questões que envolvem a caracterização da significação no CLG estavam presentes no próprio ensinamento saussuriano, o qual é, hoje, perdido e recuperável apenas por meio de fontes indiretas.

REFERÊNCIAS

GODEL, R. **Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure**. 2^{me} triage, Genève : Libraire Droz, [1957] 1969.

SAUSSURE, F. **Cours de Linguistique Générale** - Édition critique préparé par Tulio de Mauro. Paris: Payot, 1967.

_____. **Cours de Linguistique Générale**. Édition critique par Rudolf Engler (Tome 1). Wiesbaden: Harrassowitz, 1967.

_____. **Curso de linguística geral**. Trad. de A. Chelini; J. P. Paes e I. Blikstein. 27^a Ed. São Paulo: Cultrix, 2006. *Cours de linguistique general*. Charles Bally e Albert Sechehaye (orgs.), com a colaboração de Albert Riedlinger, [1916].

_____. **Troisième Cours de Linguistique Générale** (1910-1911): d’après les cahiers d’Emile Constantin / Saussure’s third course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Emile Constantin. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by Roy Harris. Pergamon Press, 1993.

_____. **Première Cours de Linguistique Générale** (1907) : d’après les cahiers d’Albert Riedlinger/ Saussure’s first course of lectures on general linguistics (1907) : from the notebooks of Albert Riedlinger. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by George Wolf. Pergamon Press, 1996.

_____ **Deuxième Cours de Linguistique Générale** (1908-1909): d'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois / Saussure's second course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Albert Riedlinger and Charles Patois. French text edited by e English text edited by Eisuke Komatsu George Wolf. Pergamon Press, 1997.

SILVEIRA, Eliane Mara. **A teoria do valor no Curso de Linguística Geral**. *Revista Letras & Letras*, Volume 25, n. 1, p. 39-54. Uberlândia: EDUFU, 2009.

SOFIA, E. Sur le concept de « Valeur Pure ». In : **Revista Letras e Letras**. Vol. 25, p. 13-38. Uberlândia: EDUFU, 2009;